

IDEIAL DE UM BOM GOVERNANTE EM MARCO AURÉLIO E O ESTOICISMO COMO INFLUÊNCIA NO CONTEXTO POLÍTICO DO IMPERADOR

Stéfani de Almeida Onesko

Universidade Estadual de Maringá (CRV)

Resumo: O presente trabalho aborda a ideia de bom governante presente no Imperador Marco Aurélio (121-181 d.C), nosso objeto de estudo, conhecido como o imperador-filósofo que adotou como fonte a doutrina estoica, sendo esta doutrina repercutida em sua vida como um todo, inclusive em sua política frente ao império. Nosso objetivo é estabelecer uma relação entre as ideias do imperador e suas práticas, na busca do ideal de bom governante. Marco Aurélio adotou elementos da filosofia estoica para sua vida e repercutiu os mesmos em sua conduta imperial. A piedade, a bondade, a busca pela verdade e a razão, todos estes valores retirados do estoicismo influenciaram na prática política de Marco Aurélio, como a atenção para com a comunidade romana, buscando, por exemplo, ajudar os necessitados, cumprir com a justiça, e trazer o bem à comunidade de modo geral. Portanto, quando buscamos em Marco Aurélio o homem político, verificamos o ideal deste bom governante. Um homem que estava inserido ao mesmo tempo na moral, no social e na política, observando assim, a influência de suas ideias nas práticas imperiais.

Palavras-chave: Marco Aurélio, Estoicismo, Império.

Introdução/Justificativa

Neste trabalho apresentaremos os resultados adquiridos em quase um ano de pesquisa, decorrente de um projeto de iniciação científica (PIC-UEM 2013/2014) que ainda se encontra em andamento destacando a seguir, um pouco da biografia de nosso objeto de estudo (Marco Aurélio), assim como as influências que o atingiram. Trabalharemos com as nossas fontes, *Meditações* (Marco Aurélio) e *Epístolas Morais à Lucílio* (Lúcio Aneu Sêneca), que atestam os modos de pensar de Marco Aurélio, e em seguida de Sêneca, que será crucial para entendermos os princípios da filosofia estoica, até porque antecede o Imperador como um grande nome da escola filosófica pertinente. Por fim, observaremos algumas das ações políticas de Marco Aurélio no papel de Imperador de Roma e como elas se concentram na perspectiva estoica.

A busca pela excelência e pela virtude é evidente em quem adotava a filosofia estoica, tanto em Marco Aurélio quanto em Sêneca, a busca intensa pela perfeição moral era o objetivo a ser traçado.

A importância das obras acima citadas, não se limita apenas porque são obras clássicas, mas pelo conteúdo que as mesmas proporcionam, nos fazendo refletir

sobre uma possível “prática ideal”, pensando neste caso no âmbito político de nosso objeto de estudo (Marco Aurélio). Por mais exploradas que foram as obras, tanto *Meditações* quanto *Epístolas Morais à Lucílio*, acreditamos que as mesmas ainda não foram mediadas seguindo este caminho: o conceito de bom governante presente no imperador, tendo em vista as ações e posturas tomadas durante o Império de Marco Aurélio para com sua prática filosófica.

O estabelecimento de uma fonte de princípios, neste caso o estoicismo, para Marco Aurélio mostra-nos um diferencial, já que temos presenciado na historiografia os diversos imperadores romanos que procuraram servir suas vontades sem mediação nenhuma de princípios ou valores.

Objetivos

- Analisar o contexto social de Marco Aurélio no período pré-imperial do mesmo, e as influências captadas deste contexto;
- Mapear nas obras *Meditações* de Marco Aurélio e *Epístolas Morais* de Lúcio Aneu Sêneca os princípios estoicistas nelas embutidas;
- Enfocar a relação entre a conduta imperial e a perspectiva filosófica estoica, compreendendo o grau em que as ações políticas do governante repercutem os conceitos morais expressos pelo estoicismo.

Resultados

Marco Aurélio, mais conhecido como Imperador Marco Aurélio, nasceu em 121.d.C. Filho de Ânio Vero e Domícia Lucila, foi criado por seu avô, já que seu pai faleceu logo após seu nascimento. Fora adotado por Antônio Pio, imperador que o antecedeu em Roma, casou-se com Faustina, filha de Antonino, e após a morte de seu pai adotivo, sucedeu ao trono ficando até 180, ano de sua morte. Sua vida é marcada por dois momentos, do nascimento- eu uma acomodação na metrópole imperial-, e da morte- um acampamento militar dos turbulentos confrontos (GUAL, 2005, p. 7). Marco Aurélio fora o último imperador do que os historiadores acostumaram chamar de Idade de Ouro do Império Romano.

Quando escreveu *Meditações*, Marco Aurélio deixou de forma clara as influências que contraiu durante sua vida pré-imperador, a partir dos entes queridos com os quais conviveu e os valores retirados dos mesmos. Os entes queridos, familiares e amigos, deixaram o legado que Marco Aurélio necessitava para efetivar sua conduta posteriormente e que acabou entrelaçando-se com os preceitos estoicos. Resumidamente, as principais virtudes, segundo os estoicos, captadas de seu círculo familiar advêm da descrição e honra de seu pai, o caráter e a serenidade de seu avô, a generosidade e piedade de sua mãe, a educação intelectual herdada de seu bisavô. (AURÉLIO, 2005, p. 47-58)

O imperador fora brindando com bons professores particulares de Roma. Com os mesmos, além das lições de gramática, retórica e filosofia, aprendeu valores de ordem moral, principalmente a bondade e a firmeza ética. Entre os professores de Aurélio, dois se destacaram. Frontão que desejava fazer de seu aluno um grande orador, dando muita atenção ao lado retórico do aluno. Enquanto isso, Rústico

obteve mais sucesso para com seu aluno, já que apresentou a filosofia para Marco Aurélio, um professor de filosofia adepto da doutrina estoica.

Mas de todas suas influências, seu pai adotivo, Antonio Pio, aparece como, talvez, a maior delas. T. Aurélio Antonino, fora tio político, pai adotivo e sogro de Marco Aurélio. O mesmo teve um papel fundamental na vida do filho adotivo, tanto em sua conduta imperial quanto na sua postura como indivíduo. A sua fama se circunscrevia à um imperador de caráter humanitário e sensível. Deu-se a entender que T. Aurélio Antonino, segundo Gual (2005, p. 14), tinha uma certa simpatia pelos preceitos da filosofia que seu filho depois adotaria, o estoicismo.

As influências que Marco Aurélio captou durante o seu pré-império fizeram com que ele acabasse sendo muito favorável aos ensinamentos da doutrina estoica, pelos valores que contemplou em entes familiares e amigos e que propôs a si mesmo, e que por fim acabaram se encaixando na filosofia adotada por ele.

Marco Aurélio nos deixou como herança de seu pensamento *Meditações*, uma obra escrita no final de sua vida, em que é possível observar os princípios que o mesmo acreditava serem plausíveis. A obra foi escrita em meio à um turbilhão de acontecimentos, de batalhas e disputas, que Marco Aurélio se ateu em seus 19 anos de mandato.

A grande essência da obra de Marco Aurélio é a natureza moral, os valores e os princípios que endossam a filosofia. A obra não tem caráter literário em si, podemos compreender a obra como uma retomada de consciência, uma verdadeira meditação humana sobre a vida e também sobre a morte.

Em seus escritos podemos observar algumas passagens em que o mesmo procede este exame de consciência e reflexão sobre as ações humanas, estando sempre baseado na doutrina que adotou para servir-lhe de fonte. Observaremos a obra com o intuito de entender inclusive a teoria estóica, base central para nosso trabalho.

Marco Aurélio (2005, p. 60) chamava atenção em seus escritos pela necessidade de concentrar-se na Providência, nos esclarecimentos e preceitos da natureza, pois a única chance para isso, seria em vida, não havendo outra. Estes preceitos incluíam a responsabilidade das ações. Estas deveriam ser realizadas com seriedade, com sentimento, com autonomia e justiça, abandonando a hipocrisia, a aversão à razão, o egoísmo e o inconformismo com o destino imposto. As pessoas deveriam se apressar na busca pelo conhecimento e pela reflexão, pois a morte está sempre muito próxima, oferecendo assim, um risco quanto ao tempo que ainda se tem para habilitar-se conforme a natureza e no respeito aos deuses. A reflexão para com os deuses era não no sentido de pedir algo material ou em benefício de si próprio, mas no sentido da filosofia, a fim de adquirir força para evitar o sentimento dos vícios, a dor, o prazer, enfim todos eles.

A injustiça e a calúnia agiriam de forma muito semelhantes, pelo fato de agirem impiedosamente, até mesmo contra os deuses. Já que é a verdade que os estoicos buscam a todo tempo e em todas as coisas, a mentira e a injustiça passam

a ser dois elementos que deve se evitar. A injustiça se comete não só quando se faz determinada coisa, mas também, quando se deixa de fazer alguma.

A Providência cuidaria das coisas humanas, asseguraria ao homem de virtudes muitas felicidades. O homem dotado de virtudes e de razão não teria medo da morte, pois é da natureza este acontecimento, era preciso encará-lo com sabedoria e sem temores. Marco Aurélio resume muito bem a morte como uma passagem, quando menciona esta frase “Embarcaste fizeste a viagem, chegaste ao porto; desembarca!” (AURÉLIO, 2005, p. 71). E continua refletir em seus escritos:

[...] o que é morte e o fato de que, se a olharmos em si mesma e pela força de abstração da reflexão decomposermos em suas partes todas as coisas que se apresentam à imaginação, nela veremos que é apenas uma operação da natureza, e quem se atemoriza com uma operação da natureza é uma criança. (AURÉLIO, 2005, p. 63-64)

Em certa medida, essa anulação do sentimento de morte, do temor e medo à ela, pode ser justificado, segundo Gual (2005, p. 11), pelas várias mortes de entes queridos que Marco Aurélio presenciou em vida, a de seu pai, de sua esposa, de seu irmão e de alguns filhos, além das diversas guerras em que participou e se deparou com milhares de mortes.

A alma deveria ser cuidada evitando os vícios, os desejos e as paixões, caminhando sempre de acordo com os deuses. A alma não iria de encontro com a natureza quando o indivíduo subestimasse a razão. A falta de virtudes perturbaria a alma, e os erros acabavam sendo cometidos quando algum ato não fosse refletido e nem analisado. Para que se evitassem os vícios, era necessário se ater à filosofia estoica, esta sim, possibilitaria ao homem viver de acordo com a razão e com a natureza.

[...] E, para dizer tudo em uma palavra, tudo que diz respeito ao corpo é como um rio, sempre fluindo; o que pertence à alma é um sonho e névoa; a vida é uma luta, um exílio em terra estranha; o renome é esquecimento. Que é, então, que pode guiar-nos? Uma só coisa, apenas uma: a filosofia. (AURÉLIO, 2005, p. 66)

Para o imperador, as coisas que fossem úteis e positivas à Roma, seriam refletidas no mundo, e o Império seria beneficiado. Para o imperador, como para os homens, servir a Pátria e a cidade, seria a grande meta. Pois, “tudo que acontece a cada um é útil ao todo [...] tudo que é útil a um homem é útil também aos outros homens”. (AURÉLIO, 2005, p. 125) Observamos então, o sentido de comunidade presente na obra *Meditações*, que vai dar base para entender boa parte das ações de Marco Aurélio. Para este último, pensar em si é o mesmo que pensar na comunidade, e o mesmo tentou a partir das virtudes que a filosofia lhe proporcionou, atender este espírito comunitário.

A obra *Meditações* do Imperador romano Marco Aurélio é um berço de princípios estoicos, que nos fazem a partir daí refletir sobre as ações políticas do Imperador. Mas antes disso, podemos nos aprofundar mais efetivamente por estes princípios que serão resgatados na obra de Lúcio Aneu Sêneca, *Epístolas Morais à Lucílio*, nos auxiliando a entender o propósito da filosofia estoica de forma a garantir um melhor entendimento sobre a filosofia adotada por Marco Aurélio, nosso objeto

de estudo. Lembrando que Marco Aurélio seguiu os passos de Lúcio Aneu Sêneca, e foi seu sucessor para seguir os ditames da doutrina estoica.

Na obra *Epístolas Morais à Lucílio*, o objetivo a ser alcançado por Sêneca em seus escritos foi direcionar seu amigo Lucílio aos caminhos da filosofia estóica e princípios que a mesma abarcava. Mesmo sendo direcionado à um amigo íntimo, a obra está recheada dos princípios morais da filosofia que nos ajudam a pensar mais sobre esta doutrina. A moralidade é a essência da obra, contendo exemplos de pessoas diversas, a quem condena determinadas ações ou as que são usadas como exemplos de admiração que poderiam servir de exemplo. Sêneca, assim como Marco Aurélio, não deram tanto valor à retórica, mas ao que a terceira geração da filosofia estoica julgou e estudou com maior intensidade, e, portanto, acabaram por dar mais importância: a moral.

Existiam duas naturezas humanas que poderiam ser seguidas: a inferior, em que o homem seguiria os instintos da natureza e não a natureza em si. Nestes instintos se refletem as paixões, dos quais os animais, que agem por instinto, possuem. Ou, uma superior em que o homem não se deixaria levar por seus instintos, mas sim e unicamente pela razão, assemelhando-se aos deuses. A razão na filosofia estoica, segundo Sêneca (1986), é que deveria imperar sobre as nossas vontades naturais e senão eliminá-las, pelo menos controlá-las.

Sêneca constrói três pilares para uma vida conforme à filosofia: a virtude, a razão e a natureza. Esses três elementos estariam sempre em harmonia com a filosofia estoica, os mesmos se entrelaçariam.

Um dos pontos mais marcantes na obra se refere ao valor das virtudes realizadas por qualquer indivíduo, independentemente de classe social, de nação, de riqueza e de laços familiares. Tanto mais valia um escravo incumbido de virtudes e que as praticasse, do que um homem importante que apenas se submetesse aos vícios.

A filosofia que prepara o homem para a morte, de acordo com Sêneca (1986), deve estar de acordo com a vida que o mesmo levou enquanto vivo. Se a vida fosse praticada de modo imperfeito, pelo menos no momento decisivo, o da morte, o homem deveria procurar viver bem e de acordo com os princípios estoicistas. A filosofia deveria ser vivida, praticada, e não apenas acumulada como conhecimento desprovido de valor moral. A filosofia torna-se para o homem uma fortaleza que auxilia nos diversos momentos da vida, seria o grande porto seguro para que o homem se preparasse bem para sua morte. O objetivo da filosofia consistiria em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos atos, em apontar-nos o que devemos fazer ou pôr de lado, em sentar-se ao leme e fixar a rota de quem flutua à deriva entre escolhos.

Sêneca defende, como Marco Aurélio defenderá posteriormente, uma sociedade humano-divina que abarca o mundo inteiro e se constitui em pátria comum e casa de todos. Como membros desta sociedade baseada na filosofia, os homens são concidadãos entre si, e o espírito de dever à comunidade como um todo será muito forte na mesma.

Tudo isto que inclui as coisas divinas e as humanas é unidade; somos membros de um grande corpo. A natureza nos tem constituído parentes ao engendrarmos os mesmos elementos e para o mesmo fim; ela nos fundiu o amor mútuo e nos fez sociais. Ela estabeleceu a equidade e a justiça. Daí se deduz as admiráveis consequências de ordem moral e humana: Por seu decreto (a natureza) é mais desgraça danar que ser danado; por mando seu as mãos tem de estar dispostas a ajudar. [...] Temos as coisas em comum, pois temos nascido para a comunidade. (SÊNECA, 1986, p. 208-209)

A busca pela excelência e pela virtude é evidente em quem adotava a filosofia estoíca, tanto em Marco Aurélio quanto em Sêneca, a busca intensa pela perfeição moral era o objetivo a ser traçado.

Diante desta obra conseguimos observar a importância da mesma para observarmos os aspectos teóricos do estoicismo e, na outra, as reflexões de Marco Aurélio sobre a sua vida. Com isso já em mente, podemos entender a conduta política do imperador-filósofo, que mais nos interessa, e o ideal de bom governante entrelaçado com a doutrina estoica.

A partir dos Imperadores Trajano, Adriano e Antonino no século II, acompanhamos um resgate da filosofia, observando com maior ênfase o Estoicismo, que fora aprofundado na pessoa do Imperador Marco Aurélio. O estoicismo representado pela total adesão de Marco Aurélio ofertou um horizonte no que diz respeito ao modo de lidar com a vida, servindo de fonte para o imperador-filósofo, como um meio de reflexão sob sua conduta. O momento que possibilitou essa análise, essa meditação por parte de Marco Aurélio, sobre a vida, ocorreu nas suas expedições militares de acordo com Jean Brun (1986, p. 22-23).

Um dos episódios bem marcantes da vida de Marco Aurélio, no qual é evidente a benevolência do mesmo diante do aparato espiritual que possuía, pode ser verificado na rebelião de Avídio Cássio contra Roma. O imperador não se alterou e nem mostrou rancor para com Avídio Cássio. Esse episódio serviu para mostrar o seu caráter de excelência, unindo sua postura filosófica e sua posição política. Avídio fora assassinado a mando do exército contra a vontade do Imperador.

E quando a sua cabeça foi trazida a Antonino, este não alegrou ou exultou-se, mas entristeceu-se por não ter tido a oportunidade de lhe mostrar misericórdia, pois disse que tinha a intenção de mantê-lo vivo para que pudesse censurá-lo com a bondade que lhe tinha mostrado no passado, e então poupar-lhe a vida. (SHA, Avídio Cassio, 1991 p. 248)

A bondade e piedade estão inseridas nas práticas de Marco Aurélio e também nos princípios estoícos. Para os retóricos gregos, Marco Aurélio assume uma posição de intelectual grego e de imperador Romano, ao fazer a conciliação do filósofo e governante. Sempre tentou agir de maneira razoável para com todos, tentando conter os homens em suas ações maliciosas e assim direcioná-los ao bem, sempre se mostrando generoso nas recompensas e na sua capacidade de perdoar, sempre na tentativa de transmitir a bondade aos homens. (SHA, Marco Aurélio, 1991, p. 163)

Marco Aurélio sempre teve muito respeito para com o Senado, mas sempre chamava a atenção que para um Senado ter honra fazia-se necessário dar a

oportunidade de oferecer aos acusados de determinados atos ilícitos, serem ouvidos por um juiz que representasse o povo. (SHA, Marco Aurélio, p. 158-161) “Aurélio segue o modelo de governação do Império como uma aceitação do dever público, tendo que proteger os seus concidadãos” (BÉRANGER, 1953, apud ALVES, 2010 p.75)

A conduta baseada no estoicismo e o orgulho no seio imperial juntam-se ao confronto vitorioso que Marco Aurélio obteve sobre os bárbaros e à forma excepcional como lidou com situações delicadas. O imperador sempre buscou, de acordo com o estoicismo, ser firme em suas atitudes e ordenações. Não só no que diz respeito à uma posição firme, mas em todos os aspectos baseados no estoicismo, na sua postura para com os diversos momentos em que viveu e lidou com os mesmos. “Em suma, Marco Aurélio assume-se como um guerreiro que permanece digno e nobre diante da morte de familiares, desastres públicos, enganos e hipocrisias de cada personagem que passa por si.” (GUAL, 1977, p. 7-25.)

Quando buscamos em Marco Aurélio o homem ideal, verificamos a busca do “bom político”, um homem inserido no social, no político, no moral, enfim, nos diferentes papéis dentro de uma sociedade. Resgatamos, a partir daí, este ideal que o mesmo se apropriou embasando-se nos preceitos estoicos. Primeiramente a filosofia deveria ser inerente ao homem. No homem comum observamos a ação sem uma reflexão, agindo ao acaso e se angustiando em muitas situações. No homem estoico, haveria um esforço por parte do indivíduo a fim de agir com justiça à serviço da comunidade, aceitando passivamente os acontecimentos que não dependem do ser humano (no caso dependem do destino), refletindo e analisando na busca pela verdade, pela razão. Marco Aurélio em seus escritos oportuniza então aos homens, a busca pelo modo mais correto de se viver.

Tenha-se sempre em consideração que o imperador-filósofo nunca teve a intenção de realizar um tratado moral, mas, ao insistir na ideia que o cidadão de uma grande cidade tem ao seu dispor todas as formas naturais da Providência, acaba por transmitir um modelo de «bom homem» e «bom governante». (ALVES, 2010, p. 97)

Para Marco Aurélio e para Sêneca, como fora visto, o homem tem um fim social, pois, nasce numa comunidade e com ela se habilita como um ser racional: “Cada ser deve fazer o que está em relação com a sua constituição. [...] Portanto, o caráter que predomina na constituição do homem é a sociabilidade.” (AURÉLIO, 2005, p. 139-140)

Novamente podemos observar o sentido de comunidade que Marco Aurélio quer inculcar em suas palavras. Já que a lei era comum à todos, todos se tornavam concidadãos, a unidade só se torna efetiva quando a comunidade tem as mesmas predisposições. O ser racional deve se comprometer à obedecer à lei e ao Estado - maior, nesse caso o Império, para que haja a harmonia entre toda a sociedade. A filosofia de Marco Aurélio torna o homem um ser totalmente social, que não visa para se satisfazer a si próprio, mas ao conjunto, de acordo com o imperador, a dignidade está na competência de interagir.

Não há dúvida que Marco Aurélio procurava na medida do possível se encaixar na filosofia que o mesmo adotou, buscando os preceitos estoicos nas

realizações das tarefas. Pretendia justiça e a atividade sócio-política. Por mais humano que fosse, não evitou as guerras, pois entendia que precisava defender o seu povo acima de tudo, pois não podia fugir às suas responsabilidades. Segundo Brunt (1974), sua conduta política afasta-se da tirania, já que o mesmo procura praticar uma vida simples e ascética, contrária ao luxo e prazeres.

Marco Aurélio tinha repulsa à violência, por exemplo, nas batalhas entre os gladiadores, obrigou-os a lutar com armas embotadas para que os mesmos tivessem chance de viver, tentou o máximo possível, limitar os conflitos sangrentos. Segundo Pimentel (2002), Marco Aurélio lutou contra os exageros cometidos e os gastos despendidos nestes jogos públicos.

De acordo com a *História Augusta* (1991), Marco Aurélio desenvolveu propostas para ajudar os mais necessitados. “Criou várias sábias medidas para o apoio do Estado aos pobres.” (SHA, Marco Aurélio, 1991, p. 161-163) “[...] e promulgou leis que geriam o dinheiro e vendas públicas.” (SHA, Marco Aurélio, 1991 p. 156-157). Além disso, os escravos, as crianças e as mulheres não ficaram fora do âmbito de humanidade do Imperador.

Criou instituições de apoio à alimentação infantil como os *Pueri Aureliani* e *Verani*, e as *Puella* *Faustiana* e, confiando a supervisão ao *praefectus alimentorum* (consular ou pretoriano), que geria também o dinheiro público referente a estas crianças. Os filhos começaram a ter direito à herança da falecida mãe através do *ab intestato* no *senatus consultum Orfitianum*, mas a importância desta medida é impossível de determinar. Na historiografia em geral, existem cerca de 60 exemplos sobre a legalidade dos escravos e libertos. (ALVES, 2010, p. 109)

Alguns princípios que abarcaram Marco Aurélio durante sua passagem política se limitam ao amor e apreço pela verdade e pela justiça; a concepção de uma constituição equilibrada, e de uma monarquia que considerava a liberdade do indivíduo. (NOYEN, 1955, p. 372-383)

De acordo com Piétre Hadot (1992), o imperador mantém-se simples, não foca profundamente os dogmas estoicos, mas cria um modelo de vida, um modelo político onde se idealiza uma sociedade perfeita.

Conclusão

A conduta traçada por Marco Aurélio, portanto, se torna significativa e ao mesmo tempo muito interessante, na medida em que, diferente de outros imperadores, utilizou uma filosofia para se servir de fonte. Não há um programa político explícito em *Meditações*, mas há um apreço pelo bem moral contribuindo, certamente, para que o imperador percebesse melhor o homem, e que tal compreensão participasse da sua “imagem-modelo”.

Portanto, analisamos um pouco do conjunto de fatores que constroem nosso objeto de estudo na concepção de bom governante a partir dos princípios estoicos. Observamos primeiramente, a história de Marco Aurélio e as influências que o mesmo sofreu durante sua vida por pessoas ligadas à ele, além das fontes que nos baseiam para tais entendimentos, *Meditações* de Marco Aurélio e *Epístolas Morais* à

Lucílio de Sêneca, e por fim o papel político desempenhado por nosso objeto de estudo, tendo sempre em mente a influência da doutrina estoica em suas ações políticas e morais.

Referências Bibliográficas

ALVES, Sérgio Lourosa. **Marco Aurélio e Cómodo, a luz e a sombra: a construção historiográfica da dinastia Antonina**. Lisboa, 2010. 219 f. Tese (Mestrado em História Antiga) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

AURÉLIO, Marco. **Meditaciones**. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

BÉRANGER, J. **Recherches sur l'Aspect Ideologique du Principat**. Bâle: 1953.

BRUN, Jean. **O Estoicismo**. Lisboa: Biblioteca Básica de Filosofia, Edições 70. [1986?].

BRUNT, P. A. **Marcus Aurelius in His Meditations**. Oxford: Society for the Promotion of Roman Studies, 1974.

GUAL, Carlos García. **Introducción de las Meditaciones**. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

HADOT, Piere. **La Citadelle Intérieure – Introduction aux Pensées de Marc Aurèle**. Paris: Editora Fayard, 1992.

NOYEN, P. **Marcus Aurelius, The Greatest Practician of Stoicism**. Bruxelas: Fondation Universitaire, 1955.

PIMENTEL, Maria Cristina. **Os Jogos na Roma Antiga**. Évora: Universidade de Évora, 2002.

Scriptores Historiae Augustae. Trad. David Magie. Cambridge: Harvard University Press, [1991?].

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Epístolas Morales a Lucílio**. Vol I, Madrid: Editorial Gredos, 2005.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Epístolas Morales a Lucílio**. Vol II, Madrid: Editorial Gredos, 2005.